



# Jornalismo Ambiental teoria e prática

*Organização*

Ilza Maria Tourinho Girardi, Cláudia Herte de Moraes,  
Eloisa Beling Loose e Roberto Villar Belmonte

# **Jornalismo Ambiental: teoria e prática**

organização:

Ilza Maria Tourinho Girardi

Cláudia Herte de Moraes

Eloisa Beling Loose

Roberto Villar Belmonte



metamorfose

## **Conselho Editorial da Coleção Metamorfose Acadêmica**

Dr. Alexander Goulart (PUCRS), Dr. Ítalo Ogliari (ULBRA), Ms. Lucas de Melo Bonez (Uniasselvi), Dr. Marcelo Spalding (Metamorfose), Dra. Márcia Ivana de Lima e Silva (UFRGS), Ms. William Boenavides (IFSul)

**Revisão** | Kátia Regina Souza

**Diagramação** | yoyo ateliê gráfico

**Fotografia da capa** | Débora Gallas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

J82      Jornalismo ambiental: teoria e prática [ livro eletrônico] / organizado por Ilza Maria Tourinho Girardi ... [et al.] – Dados eletrônicos – Porto Alegre: Metamorfose, 2018.

175 p. – (Coleção Metamorfose Acadêmica Digital) – Modo de acesso: <<https://jornalismoemioambiente.com/e-book/>> – ISBN: 978-85-53074-20-4

1. Jornalismo ambiental I. Girardi, Ilza Maria Tourinho, org. II. Moraes, Cláudia Herte de, org. III. Loose, Eloisa Beling, org IV. Belmonte, Roberto Villar, org.

CDD 070

Bibliotecária Alexandra Naymayer Corso – CRB10/1099

Todos os direitos desta edição reservados ao autor  
**[www.editorametamorfose.com.br](http://www.editorametamorfose.com.br)**

# JORNALISMO, AMBIENTE E REPORTAGEM AMPLIADA

*Reges Schwaab*

*reges.ts@gmail.com*

*Professor do Departamento de Ciências da Comunicação e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).*

**P**eter Nelson termina o primeiro capítulo do seu manual *Dez dicas práticas para reportagens sobre o meio ambiente* (1994, p. 17) recordando que “uma pauta ambiental pode surgir a qualquer momento” e em “qualquer área jornalística”. Há um eco desse pensamento em boa parte das reflexões acerca dos desafios do tratamento do tema na imprensa, ao que se soma a ideia de complexidade, interconexão, visão holística, tratamento sistêmico<sup>28</sup>. Essas noções, no entanto, emergem mais em críticas identificadas em muitos estudos<sup>29</sup>, assinalando a tendência a uma cobertura desconexa ou descontinuada. Nos vemos no terreno da insuficiência na abordagem ambiental, mesmo que concordemos com a relevância global de se falar sobre o tema.

Nos cursos de Jornalismo e nos manuais de reportagem, tratar do ambiental como especialização, como perspectiva específica de compreensão da realidade social, ou, principalmente, entender que o ambiental também é contexto em uma pauta, nem sempre é algo pacificamente aceito. E talvez os bons exemplos de reportagens sejam mais fruto da iniciativa de jornalistas do que de uma sólida proposta editorial de um periódico, essa é uma

---

<sup>28</sup> Paradigmáticos debates que encontraremos nos escritos de Edgar Morin e de Fritjof Capra.

<sup>29</sup> Ver Girardi et al. (2012).

investigação a ser feita. As Diretrizes Curriculares do Ministério da Educação para os cursos superiores de Jornalismo no Brasil, todavia, citam o tema ambiental como obrigatório na formação. Não é difícil reconhecer: o que movimenta a defesa da abordagem do ambiental pelo Jornalismo é a mesma essência que perpassa a reflexão sobre o *bom Jornalismo*, feito com vigor, ética e manejo apurado da informação, esteticamente bem composto e ciente do papel social que um trabalho rigoroso vem a cumprir.

Mas o Jornalismo Ambiental é militante? Podemos iniciar o debate pela já vencida imparcialidade e terminar abrindo uma valiosa cartela de elementos que tocam no bem-comum, na cidadania e na lógica socioambiental como forma de compreender o impacto da ação humana em qualquer conexão local-global que pensemos em fazer. Estamos falando de cidadania e de justiça. Isso perpassa saúde, educação, história, relações de poder, legislação, sobrevivência, diversidade, respeito e outras tantas temáticas daí derivadas. Como já disse o jornalista André Trigueiro (2003, 2012)<sup>30</sup>, referência no assunto, não há terreno para neutralidade ao se falar de poluição, do mesmo modo que nenhum jornalista defenderia a corrupção. Não há concepção humana ou ecológica que permita fechar os olhos aos danos que modificam a vida no planeta em escala jamais vista, impossível de ser pensada de forma fragmentada ao enfrentarmos o cenário que a humanidade costura em sua agricultura e seus modos de produção de alimentos, na sua fome, pobreza e riqueza, nas maneiras de exploração da vida em todas as suas manifestações, no acúmulo de resíduos, nas alterações do clima, em suas pressões e alterações na legislação de proteção, nas migrações, nos deslocamentos forçados de povos originários, nas catástrofes, nas doenças. Nenhuma dessas temáticas existe sem profunda interligação com a(s) outra(s). Aí está a base do pensamento socioambiental, a mesma base sobre a qual o Jornalismo Ambiental pode ser entendido, um campo

---

30 Seus livros oferecem excelente contexto de construção da aproximação jornalística ao tema. A afirmação referida foi feita no IV CBJA – Congresso Brasileiro de Jornalismo Ambiental, em 2011, no Rio de Janeiro.

privilegiado de trabalho e de vivência da reportagem em sua matriz mais plena.

Didaticamente falando, o espaço da reportagem ampliada ou em profundidade e o pensamento socioambiental têm, em termos de estrutura de pensamento, um parentesco. Fazer conexões que sejam fruto de reflexão, puxar os diferentes fios que tecem uma realidade e desdobrar suas aparências, sondar soluções e propostas são atitudes que têm muito a ver não só com o bom Jornalismo, mas com uma ecologia da experiência no espaço que habitamos. A produção de reportagens ampliadas nos espaços de formação em Jornalismo abre uma saudável janela para compreender ainda mais o método e a ética da reportagem. E nos lembra que esse exercício crítico, se originado a partir de uma leitura socioambiental da realidade, tem o potencial de ampliar os horizontes de entendimento de quem faz e de quem lê esse tipo de produção jornalística.

Trabalhamos, portanto, no terreno de considerar a reportagem como expressão máxima do viés interpretativo<sup>31</sup> do Jornalismo e sua capacidade de ação. Chegar a ela, no entanto, requer uma delicada arquitetura e um esforço semelhante ao de cruzar uma trilha de geografia íngreme e bastante exigente: embasamento, observação, pesquisa, método e escritura que não negligenciem a organicidade das relações e nem deslizem em seus deveres. Certamente é um terreno de riscos, uma vez que não podemos nos render ao apagamento dos conflitos inerentes ao alto grau de degradação social e ambiental que nos rodeia, muitas vezes silenciado na abordagem cosmética e descontextualizada, de ações pontuais ou de mecanismos de promoção de algumas práticas enquanto o tecido orgânico e social sofre as consequências da ausência de políticas de resultado mais macro, da falta de responsabilização e do praticamente inexistente olhar integrado com os cidadãos, em prol de uma lógica descentralizada de produção, consumo e redução de impactos.

---

31 Para adentar a discussão de gêneros, podemos ver as propostas de Seixas (2009), Faro (2013) e Gargurevich (1982), por exemplo.

Assim como em nossa vida em sociedade, o Jornalismo segue, na maioria dos casos, indiferente ao fato de termos já ultrapassado vários limites, desconsiderando alertas de precaução e apelos científicos e de organizações civis por intervenções em lógicas às quais nos habituamos em demasia. A integridade ambiental e a dignidade humana passam por ataques diários. Nem mesmo podemos arriscar uma fórmula; talvez consigamos, diante do desafio, fazer aproximações para um exercício intelectual pessoal e coletivo, buscando alcançar esse potencial de abordagem que se quer multifacetado e respeitoso. Podemos chamar isso de Jornalismo Ambiental ou entender esse gesto como a abordagem com qualidade de temas ambientais no Jornalismo, não importa o suporte, a editoria específica ou a falta dela: o tema transcende, as temáticas se multiplicam a partir dele.

## **Discussão teórica**

Uma reportagem deve apresentar os pontos de vista que diferem e as possibilidades em conflito, argumenta Luiz Costa Pereira Júnior (2010), com fontes cuja confiabilidade pode ser medida pelo fato da informação fornecida por elas exigir “o mínimo possível de controle” (*ibid.*, p. 82). O olhar e a escuta são centrais, e ao repórter cabe buscar o que está embaixo dos panos da naturalização do cotidiano: “O desafio do repórter (no cenário complexo, tentacular, da desordenada torrente de acontecimentos que forma a vida contemporânea) é encontrar evidências soterradas em camadas de versões, procurar certezas em situações de incertezas” (*ibid.*, p. 71). O investimento no levantamento de dados, em intenso trabalho de campo, completa esse entendimento: “Aí se incluem pauta, levantamento de dados no arquivo da empresa jornalística (pesquisa), atividade do repórter através de sua observação do acontecimento e através das entrevistas que realiza” (LAGE, 2008, p. 93). Ainda conforme Nilson Lage (*ibid.*, p. 20), a figura do repórter tem de ser repensada:

“Ele não apenas deve apurar bem, mas formular seu texto como o melhor dos redatores e participar das tarefas de edição”. Ao nos depararmos com o tema ambiental, entretanto, nem sempre temos todos os pontos amarrados e nem todas as certezas são definitivas. Estamos, por vezes, mais em um terreno dinâmico do que estabilizado, o que pode ser a riqueza desse desafio.

Que referências temos quando falamos em reportagem ou reportagem ampliada? Em primeiro plano está a consideração da reportagem como *metodologia do Jornalismo*. Esta é a defesa de Raúl Hernando Osorio Vargas (2017), com a qual concordamos. Não é apenas pensar um gênero ou modalidade textual, nem somente uma técnica. Trata-se do manejo dos procedimentos a partir de um projeto humano e, no caso aqui abordado, um projeto socioambiental:

Assim, a metodologia da reportagem está composta pelo observar, pelo explorar, pelo descobrir e pelo voltar a olhar, e desde aí se funda um jornalismo da vida... uma profissão transcultural que pensa os problemas que a realidade requisita, e que pergunta tanto como a ciência (*ibid.*, p. 71, tradução nossa)<sup>32</sup>.

Para Milton Santos (2006), a consciência do espaço, do lugar, depende de nossa consciência de mundo. É um exercício mais além do imediato, convida para a confrontação e a leitura, o diálogo e a imaginação, completa Osorio Vargas (2017, p. 61, tradução nossa): é “preencher-se de mundo pela via da sensibilidade e romper com as prisões que impedem a comunicação com a vida”<sup>33</sup>.

No estudo de Ana Beatriz Magno também encontramos apoio para pensar a amplitude da reportagem. Ela afirma:

---

32 “Así, la metodología del reportaje está compuesta por el mirar, el explorar, el descubrir y el volver a mirar, y desde allí se funda un periodismo de la vida... una profesión transcultural que piensa los problemas que la realidad plantea, y que se pregunta tanto como la ciencia” (OSORIO VARGAS, 2017, p. 71).

33 “Este es el gran desafío: llenarse de mundo por la vía de la sensibilidade y romper las prisiones que impiden la comunicación con la vida” (OSORIO VARGAS, 2017, p. 61).

Reportagem é uma narrativa jornalística que descreve, revela, interpreta o que narra. Sua pauta procura enfoques sociais sobre os mais variados assuntos e rejeita construções declaratórias. Sua maneira de conhecer está traduzida numa apuração que prioriza a observação *in loco* e a reconstrução minuciosa da cena narrada a partir de fontes múltiplas. A autoria da apuração está a cargo do repórter. Ele deve escutar a si mesmo, a cidadãos comuns e a autoridades. Sua técnica de trabalho combina entrevistas, leitura e muita observação (MAGNO, 2014, p. 428).

E conclui:

Seu tempo [da reportagem] é alargado, ele está livre do ontem. Pode partir de eventos datados, mas procura tematizá-los, contextualizá-los e circunscrevê-los em dimensões amplas que colaborem para sua interpretação. Não há compromisso com a imparcialidade da narração (MAGNO, 2014, p. 428, acréscimo nosso).

A filosofia também vai permitir reflexões sobre a acolhida do ambiental no exercício intelectual da reportagem. Marcelo Pelizzoli (1999) consistentemente reflete a respeito da construção paulatina de um paradigma dominante que nos levou a um mundo em crise, determinado por relações baseadas em um poder antiético e excludente. Em largo lastro, um pensamento de conquista do outro, de domínio da natureza, na “afirmação do ego equipado com saber e poder antes que pela solidariedade, doação e respeito ao Outro e pela visão integradora com a natureza e Vida” (*ibid.*, p. 14).

Podemos observar que, desde as décadas de 1960 e 1970, diferentes correntes de pensamento a respeito do ambiental têm aflorado, produto da ambiência criada pelos movimentos de contracultura e pelo movimento ambientalista, conjugado ao despertar

da ciência para distintas visões. Grandes conferências mundiais se sucederam na decantação de ideais e em alguns compromissos assumidos pelos países. É o entorno do que Héctor Leis (1999) denomina de quinta fase (e atual) da ecologia, com a inclusão do ser humano na biosfera e a consideração de problemas sociais, econômicos e políticos junto dos ambientais. O elo com as Ciências Sociais e Humanas permitiu, mais recentemente, debater que a ambientalização se dá no seio dos paradoxos do contemporâneo, ou seja, o fenômeno da sustentabilidade acontece de forma intrincada com a crescente degradação, decorrente do alto grau de consumo, cujo crescimento foi exponencial nas duas últimas décadas. Mesmo que apelos a parâmetros de uma vida sustentável se tornem mais visíveis, circulando a necessidade de mudança de padrões, em igual medida as estratégias de mercado podem converter a carência de alteração de lógicas na oferta de um caráter verde a propostas de empresas, produtos e serviços. O ideal da sustentabilidade e a evidência das alterações climáticas, pelo grau de interferência humana em esfera global, são os eixos centrais do debate ao longo dos últimos anos. Nessa vitrine em verde reluzente passam longe os conflitos por terra, a exploração mineral, a biopirataria, os temas da chamada agenda marrom, como o saneamento básico. Resta ao Jornalismo repensar suas práticas enquanto lida com a potencialização das ambivalências e a urgência de soluções e mudanças com resultado.

Em cenários de complexidade cultural, a preocupação com o impacto ambiental de estilos de consumo e de vida desiguais sublinha a relação entre consumo e ambiente como central nas políticas ambientais (PORTILHO, 2005). Nem mesmo alertas científicos globais contundentes, como os relatórios levados ao público pelo Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas, órgão das Nações Unidas, têm tido a força que deveriam no redesenho de políticas dos países desenvolvidos e em desenvolvimento. E é importante lembrar que nas questões ecológicas não existem fronteiras geopolíticas, os impactos se espalham

sem qualquer barreira, e as alterações do clima, já comprovadas, passam a ser perigo real a inúmeros países, a começar pelos mais pobres, porém, afetando globalmente a todos.

Fazer um passeio por essas questões é um exercício importante, mas sua efetividade como conhecimento depende da observação local e regional, colocando os achados em perspectiva maior. É a aposta em uma mirada atenta para perceber a cartografia de danos e consequências que se espalha, ou o saldo positivo de ações de recuperação e cuidado que se concretizem. Ou seja, seu valor jornalístico está no estabelecimento de conexões. O ponto de partida ambiental nos leva a explorar um importante tecido de interações e explicar como as coisas se dão, essa é a tônica do exercício.

Junto, podemos recordar a elaboração de Enrique Leff (2006) em prol de uma racionalidade ambiental, síntese dos princípios materiais e axiológicos do discurso ambientalista, aliados a uma desconstrução da racionalidade puramente econômica e ao questionamento da racionalidade moderna. Para o pensador, trata-se do esforço em torno de “um conjunto de práticas diversas e heterogêneas que dão sentido e organizam os processos sociais” (*ibid.*, p. 125). A formação de uma consciência ambiental, a democratização do estado e a participação social embasam a dialética de transformação do conhecimento e das bases dos processos produtivos. O conceito é heurístico, dinâmico e flexível para analisar e orientar processos e ações ambientalistas e, além disso, analisar sua coerência. Postula a composição da racionalidade ambiental nos processos sociais fundamentados no desenvolvimento ecologicamente sustentável, na cultura ecológica e democrática, na alteração de paradigmas de produção científica, na gestão que incorpora os “custos” ambientais e no respeito aos valores culturais e saberes tradicionais para a mediação social. Como demarca André Soares (2003, p. 35), a ecologia “é um saber das relações, interconexões, interdependências e intercâmbios de tudo com tudo em todos os pontos e em todos os momentos”. Esses são aspectos importantes para pensar que Jornalismo pretendemos.

## Objetos de estudo

Perceber o entorno ou trabalhar em termos de conexões é uma maneira bastante interessante de discutir a ligação de cada estudante/repórter com o tema e como, a partir disso, as pautas podem ser construídas. Mapas coletivos<sup>34</sup>, dinâmicas de debate por temas geradores e exercícios de desconstrução de textos jornalísticos de referência são importantes no processo. A aposta é na sensibilização para a rede de conexões que emana do saber ambiental. Essa sensibilização é paulatina, requer de cada pessoa um esforço de observar e de contemplar, colocar em perspectiva suas ideias acerca do ambiente. No curto espaço de tempo que uma disciplina terá, por exemplo, não necessariamente completaremos um percurso maior. Todavia, o exercício fora de sala de aula, no espaço aberto, o diálogo com populações tradicionais, com representantes de organizações sociais, com conhecedores do tema ou especialistas, auxilia na composição de um repertório.

Oferecer e estimular a busca de reportagens exemplares sobre o tema é de grande valia. Manejar produções jornalísticas destinadas a diferentes escalas de público (local, regional, nacional, internacional) permite compor uma cartela de modos de abordagem. E nesse exercício de desconstrução, é importante procurar apreender os passos da reportagem, como causas e consequências se conectam, o papel dos personagens e suas visões na narrativa e o exercício crítico e interpretativo da/do repórter na consolidação do relato. Ao final, pensar derivações e novas abordagens sobre o tema é também algo útil no treinamento da percepção.

Antes do trabalho de reportagem acerca de assuntos ambientais, esse processo de treinamento da mirada pode se apoiar nas teorias da educação, facilitando o manejo de conceitos do vocabulário ambiental, a perspectivação de problemas e a compreensão da complexidade. Aqui sugerimos a aproximação ao

---

<sup>34</sup> Sugerimos o estudo dessa metodologia para aplicação em disciplinas de Reportagem e de Jornalismo Ambiental.

conceito de tema gerador, formulado pelo educador brasileiro Paulo Freire (1987) como caminho para valorizar o universo temático das/dos estudantes. É um ensaio ao gesto de acolhida e atenção aos saberes distintos necessários ao trabalho de reportagem sobre temas ambientais, incluindo, em muitas pautas, os saberes popular e tradicional, que devem ser respeitados.

A proposta do tema gerador deve ser executada em modelo de debate horizontal e democrático, acolhendo todas as manifestações que partem de um tema específico proposto de forma aberta e nos oferecem, no seu andar, um feixe de derivações e possibilidades de costura. Ou seja, a lógica dialética é de que os temas, menos que grandes tópicos fixos, se desdobrem em uma diversidade de subtemas, relacionados à realidade social na qual estamos inseridos e com a qual devemos lidar.

As dinâmicas de mapas coletivos podem ajudar a levar a cabo a tarefa, pois, como postula Sandra Corazza (1992), Paulo Freire concebeu os temas geradores como círculos concêntricos que partem do geral ao particular, uma metodologia para percepção de dimensões significativas da realidade, nuances e estruturas, para identificar diferenças de leitura de mundo. Ao pensar em temas geradores, a expressão *tema* remete a um conjunto de ideias, concepções, dúvidas e esperanças em interação com seus contrários. O termo *geradores* traz a lógica das palavras-chave, que propiciam o surgimento de novas palavras pela combinação de diferentes palavras e até fonemas, dando origem a novos temas. Essa dinâmica tem potencial também de preparo ao trabalho coletivo exigido pela reportagem, e a necessidade de escuta e interação plena com as demais pessoas.

## EXERCÍCIOS

Sendo viável esse processo de sensibilização anterior ao exercício da reportagem, é natural que cada repórter ou grupo já possa iniciar seu pensamento sobre possíveis pautas de forma mais

segura. A boa execução da reportagem, todos sabemos, depende de uma apuração precisa, bem planejada e bem conduzida, na qual os gestos de escuta e de observação sejam centrais. A lógica dos temas geradores e da construção de mapas deve permanecer em mente e, por isso, um exercício de reportagem que prime pela discussão coletiva das pautas e dos passos de apuração contribuirá significativamente para o sucesso de uma narrativa com capacidade de gerar compreensão, estabelecer pontes e oferecer um tipo de conhecimento sobre o tema que aborda.

Para o desenvolvimento da apuração, individual ou coletivamente, é possível trabalhar um entrelaçamento de diferentes questões para falar com mais propriedade sobre o que se pretende tratar. Também nesse exercício, podemos tentar superar a dificuldade de perceber o natural e o sociocultural integrados, isto é, não pensá-los de forma dissociada, mas ter um gesto de interface.

Os pontos a seguir enumerados têm sua ancoragem em modos de pensar processos de educação ambiental (MELLER, 1997), e consideram proposições sobre a racionalidade ambiental (LEFF, 2006). Não pretendem ser definitivos, são aspectos da rede capazes de possibilitar a realização da reportagem, isto é, permitir uma discussão e a montagem de um mapa de abordagem. Cada elemento citado serve como modo de entrada, gera conexão com outro ou pode ser elemento de saída, uma chave de interpretação a ser oferecida. São eles:

- a) **elementos éticos:** a influência negativa ou positiva dos seres humanos no seu entorno, pensando o ambiente e a conduta humana; interesses e práticas de indivíduos (privadas) *versus* ambiente (social, natural, público, coletivo-partilhado); a ótica do cuidado em duas dimensões, a solidariedade diacrônica (respeito às futuras gerações) e a solidariedade sincrônica (gerações presentes);
- b) **elementos ecológicos:** metaforicamente, trata-se de uma teia, uma complexa relação entre os seres vivos no

ambiente; as formas de relacionamento das comunidades humanas com o meio, considerados os aparatos tecnológicos de toda espécie para interação e interferência; as respostas causadas ou recebidas do entorno;

- c) **elementos políticos:** a relação possível nas diferentes esferas de poder – Federal, Estadual e Municipal; regras, ações e responsabilidades dos entes e do poder público e sua conexão com diferentes setores da sociedade; a partilha de responsabilidades ou a ausência de ação; soberania e autonomia;
- d) **elementos econômicos:** um olhar sobre a condição econômica da comunidade ou grupo sobre o qual se fala e seus usos do meio ambiente; aspectos econômicos envolvidos no tema escolhido – custos, perdas, investimentos, lucros, incluindo a velha máxima da reportagem: siga o dinheiro (*follow the money*), quem paga, quem cobra, quem lucra, quem perde (danos mensuráveis e não mensuráveis, danos ecológicos e sociais, perda de biodiversidade, capacidade de produção, elevação de custos, por exemplo); estatísticas, índices e números trabalhados de forma interpretativa e aplicados a uma explicação de causas e consequências<sup>35</sup>;
- e) **elementos sociais:** ações individuais, de grupos ou de governos que acabem por interferir diretamente na vida das pessoas; mecanismos ou índices de desigualdade, maneiras de exploração humana e/ou de outras formas de vida e seus impactos; modos de manejo e sobrevivência; relações de poder e exploração com danos socioambientais;

---

35 Segundo Montibeller Filho (2004, p. 45), por exemplo, o perfil antropocêntrico de grande parte das escolas econômicas passa a ser questionado, em desabono ao ponto de vista em que a “natureza” seja enxergada na condição de simples recurso para a produção de bens. Havendo desempenho positivo da economia, com a multiplicação do consumo, em paralelo, se acentuam os problemas socioambientais em todos os âmbitos.

- f) **elementos legislativos:** leis que protegem ou poderiam proteger o ambiente, e, por consequência, gerar mais bem-estar e qualidade de vida; respeito ou desrespeito ao corpo de leis; exercícios comparativos entre legislações de distintos países;
- g) **elementos históricos:** história ambiental, documentos, testemunhos, acesso à memória local como apoio para compreender em maior escala alterações de paisagem, de dinâmicas, de fluxos populacionais (animais e seres humanos); elemento importante para a humanização dos relatos e que pode contribuir significativamente para a força da narrativa; não deve estar preso a versões oficiais, e sim primar pela diversidade de fontes e relatos; mecanismo para oferta de contrastes; acontecimentos anteriores e suas consequências;
- h) **elementos culturais e estéticos:** alcançar a relação entre ambiente e cultura em suas diferentes manifestações, especialmente o que emerge do popular: lendas, canções, representações imagéticas e pictóricas, relatos ficcionais, entendidos como bens de natureza material ou não, que individualmente ou em conjunto dão a ver formas de apreensão do espaço natural e suas dinâmicas; espaço de criações científicas, artísticas e tecnológicas – obras, objetos, documentos, edificações, conjuntos urbanos, sítios de valor histórico, paisagístico, artístico e científico – e o que expressam; reconhecer valores culturais implícitos; práticas e saberes tradicionais tendo valor na mediação sociedade-natureza.

Para J. S. Faro (2013), a reportagem com vigor investigativo mantém o centro gravitacional do Jornalismo e é a base de sobrevivência do campo. Reitera que a reportagem instrui a cognição sobre o real e sua alta densidade informativa se mescla com a subjetividade do repórter, pois pressupõe um exercício

interpretativo relacional. Juan Gargurevich (1982), ao debater a reportagem ampliada como gênero interpretativo, recupera seus traços constituintes e postula que ela representa uma investigação que se apoia em antecedentes, comparações e consequências; está referenciada em uma situação geral de caráter social, mesmo que parta de um fato particular. O trabalho admite interpretações, conclusões ou conexões como parte do fazer intelectual do jornalista. Nesse sentido, apoiado em Máximo Simpson, reitera que a reportagem tem tema de interesse social, e ao repórter se admite uma hipótese de trabalho e um marco de referência estabelecido, inclusive teórico. Corrobora essas elaborações acionando o pensamento de Julio del Río Reynaga, para quem a reportagem é a narração de um acontecimento ou situação intensamente investigados com o propósito de contribuir para a melhoria social.

Ao apresentar a obra de Peter Nelson (1994), referida no início do capítulo, Juarez Tosi, à época coordenador do Núcleo de Ecojornalistas do Rio Grande do Sul, registra um apelo ao cuidado com o tema ambiental, conclamando os jornalistas para a importância educativa de uma boa reportagem: “Temos de ser didáticos, fazer com que as reportagens possam ser lidas em salas de aula, que sejam entendidas pelo maior número de pessoas possível” (TOSI, 1994, p. 11). Assim, as orientações do jornalista Peter Nelson, originalmente editadas pelo Centro Internacional para Jornalistas (ICFJ), com sede nos Estados Unidos, depois trazidas ao Brasil, seguem válidas: buscar a escrita de reportagens de abordagem original, em esforço autoral e de pesquisa; conservar variadas e boas fontes; manter foco em uma boa preparação prévia, com conhecimento do tema e das diferentes perspectivas; um bom manejo do vocabulário ambiental e humildade para absorver esse conhecimento das fontes especializadas, a ponto de ser capaz de traduzir o jargão em sua reportagem; domínio de linguagens e bom acervo de informações, bem como conhecimento técnico da narrativa para usar o que há de melhor em sua

apuração e oferecer um material atraente; manejo de estatísticas e números em favor da clareza e da informação, nunca fora de contexto e nem como mero adendo; manter uma confiança desconfiada e vistas abertas para garantir o exame crítico e atento de todos os dados e declarações, porém, ter atitude respeitosa e acolhedora; estabelecer as conexões em equilíbrio e lembrar que a reportagem não termina, ela deriva e tem repercussões.

## RECOMENDAÇÕES

### *I. Artigos e livros:*

BELMONTE, Roberto Vilar. História do jornalismo ambiental brasileiro. Encontro Nacional de História da Mídia, 10. **Anais...** Porto Alegre: Rede Alcar, 2015.

CAPARRÓS, Martín. **Contra el cambio**. Barcelona: Anagrama, 2010.

CARSON, Rachel. **Primavera silenciosa**. São Paulo: Gaia Editora, 2010.

GRUPO de Pesquisa Jornalismo Ambiental (CNPq/UFRGS). Disponível em: <<http://jornalismoemioambiente.com>>.

NOVAES, Washington. **Xingu, uma flecha no coração**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

VILAS BOAS, Sérgio V. (Org.). **Formação & informação ambiental: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2004.

VENTURA, Zuenir. **Chico Mendes: crime e castigo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

### *2. Reportagens, narrativas ampliadas e usos da mídia digital:*

#*Amazônia* – **Agência Pública**. Disponível em: <<http://apublica.org/tag/amazonia>>.

DIEGUEZ, Consuelo. A onda, **piauí**, ed. 118, 2016. Disponível em: <<http://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-onda-de-mariana/>>.

**Especial Amazônia Resiste**. Agência Pública. Disponível em: <<http://apublica.org/especial/amazonia-resiste/>>.

**InfoAmazônia**. Disponível em: <<http://infoamazonia.org/pt>>.

#Mariana – **Jornalistas Livres**. Disponível em: <<http://jornalistaslivres.org/tag/mariana/>>.

**O Eco**. Disponível em: <<http://www.oeco.org.br>>.

### 3. *Documentário:*

**BELO MONTE**, anúncio de uma guerra. Direção: André D’Elia, 2012 (105 min). Disponível em: <<http://vimeo.com/44221280>>.

### 4. *Outras iniciativas:*

Especial Mídia e Amazônia. **Andi – Comunicação e Direitos**. Disponível em: <<http://midiaeamazonia.andi.org.br>>.

MAPA dos conflitos ambientais de Minas Gerais. **Observatório dos Conflitos Ambientais** (Gesta/UFMG). Disponível em: <<http://conflitosambientaismg.lcc.ufmg.br/observatorio-de-conflitos-ambientais/mapa-dos-conflitos-ambientais/>>.

## REFERÊNCIAS

CORAZZA, Sandra M. **Tema gerador**: concepção e práticas. Ijuí: Unijuí, 1992.

FARO, J. S. Reportagem: na fronteira do tempo e da cultura. **Verso & Reverso**, v. XXVII, n. 65, 2013, p. 77-83.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GARGUREVICH, Juan. **Gêneros periodísticos**: Quito: Ciespal, 1982.

GIRARDI, Ilza *et al.* Caminhos e descaminhos do jornalismo ambiental. **Comunicação e Sociedade**, 34, n. 1, 2012, p. 131-152.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 7 ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

LEFF, Enrique. **Epistemologia ambiental**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

LEIS, Héctor R. **A modernidade insustentável**: as críticas do ambientalismo à sociedade contemporânea. Petrópolis, RJ: Vozes; Santa Catarina: UFSC, 1999.

MAGNO, Ana B. **O jornalismo nos tempos da reportagem**: uma análise da obra jornalística de Ernest Hemingway e Gabriel García Márquez. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-graduação em Comunicação. Universidade de Brasília, 2014.

- MELLER, Cléria B. **Educação Ambiental como possibilidade para superação da fragmentação do trabalho escolar**. Ijuí: Unijuí, 1997.
- MONTIBELLER FILHO, Gilberto. **O mito do desenvolvimento sustentável: meio ambiente e custos sociais no moderno sistema produtor de mercadorias**. 2 ed. rev. Florianópolis: Editora UFSC, 2004.
- NELSON, Peter. **10 dicas práticas para reportagens sobre meio ambiente**. Brasília: WWF Brasil, 1994.
- OSORIO VARGAS, Raul H. **El reportaje como metodología del periodismo**. Una polifonía de saberes. Medellín: Editorial Universidad de Antioquia, 2017.
- PELIZZOLI, Marcelo. L. **A emergência do paradigma ecológico: reflexões ético-filosóficas para o século XXI**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- PEREIRA JUNIOR, Luiz C. **Apuração da notícia: métodos da investigação na imprensa**. 3 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.
- PORTILHO, Fátima. **Sustentabilidade ambiental, consumo e cidadania**. São Paulo: Cortez, 2005.
- SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2006.
- SEIXAS, Lia. **Redefinindo os gêneros jornalísticos: proposta de novos critérios de classificação**. Covilhã: Labcom, 2009.
- SOARES, André G. **A natureza, a cultura e eu: ambientalismo e transformação social**. Blumenau: Edifurb; Itajaí: Editora da Univali, 2003.
- TRIGUEIRO, André (coord.). **Meio ambiente no século 21**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- TRIGUEIRO, André. **Mundo sustentável 2: novos rumos para um planeta em crise**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2012.
- TOSI, Juarez. Apresentação NEJ-RS. In: NELSON, Peter. **10 dicas práticas para reportagens sobre meio ambiente**. Brasília: WWF Brasil, 1994, p. 11.